

(DES)TECER: REFLEXÕES SOBRE OS FIOS DA VIDA EM UMA UNIDADE DE INTERNAÇÃO FEMININA A PARTIR DA OBRA LITERÁRIA “A MOÇA TECELÃ”

Nayara de Souza Costa¹
Idelvani da Conceição Bezerra Thiago²
Mayane Serrão da Silva³

RESUMO

Este relato de experiência é resultado da participação acadêmica na extensão universitária no ano de 2019 em uma unidade socioeducativa de internação feminina e descreve uma vivência literária com a obra *A moça tecelã* de Marina Colasanti. A partir da compreensão da literatura como arte, o texto tem como objetivo apresentar a vivência literária como uma atividade viável e significativa de trabalho, sobretudo, nos espaços socioeducativos. A vivência literária possibilitou reflexões sobre a trajetória das moças e a realidade concreta em que estavam inseridas, bem como trouxe ensinamentos proveniente de suas histórias de vida, que ressignificaram a leitura da obra, da atividade educativa, das percepções sobre um espaço e sobre as pessoas que, aos olhos da grande maioria, são invisíveis. Além do desenvolvimento profissional e pessoal, concluímos que a abordagem da literatura, diferente da habitual, possui grandes contribuições significativas para a formação humana.

Palavras-chave: Extensão universitária. Socioeducação. Vivência literária.

ABSTRACT

This experience report is the result of academic participation in university extension in the year 2019, in a socio-educational unit of female internment and describes a literary experience with the work "A Moça Tecelã" by Marina Colasanti. From the understanding of literature as art, the text aims to present the literary experience as a viable and significant work activity, especially in socio-educational spaces. The literary experience allowed reflections on the trajectory of the girls and the concrete reality in which they were inserted, as well as brought lessons from their life stories, which re-signified the reading of the work, the educational activity, the perceptions about a space and

- ¹ Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Pedagoga; Mestranda em Educação (PPGE/UFAM); Bolsista FAPEAM; Integrante do Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão sobre Políticas, Educação, Violências e Instituições (GEPPEVI). Email: axnayara@gmail.com
- ² Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Pedagoga; Mestranda em Educação (PPGE/UFAM); Bolsista FAPEAM; Integrante do Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão sobre Políticas, Educação, Violências e Instituições (GEPPEVI). Email: vani.ufam@gmail.com
- ³ Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Graduanda em Pedagogia; Integrante do Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão sobre Políticas, Educação, Violências e Instituições (GEPPEVI) e do Programa Residência Pedagógica.

PROMOÇÃO



APOIO

about people which, in the eyes of the vast majority, are invisible. In addition to professional and personal development, we conclude that the approach to literature, different from the usual one, has significant contributions to human development.

Keywords: University Extension. Socioeducation. Literary Experience.

1 MÚLTIPLAS LINHAS PARA TECER UM TEXTO

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo, sentava ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. Depois, lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava (COLASANTI, 2004, p. 1).

No tear deste texto, faremos uso das linhas que se seguem para apresentarmos um relato de experiência acerca de uma vivência literária⁴ realizada e apreciada em um espaço socioeducativo de internação feminina⁵. Nossa atuação foi proporcionada pela participação no Programa Atividade Curricular de Extensão (PACE) *Interloquções entre políticas afirmativas e direitos sociais com adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas em Manaus*, coordenado pela professora Maria Nilvane Fernandes (FERNANDES; COSTA, 2019).

As atividades do PACE tinham como objetivo, aproximar os acadêmicos da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) às instituições, e fortalecer a formação dos(as) socioeducandos(as) por meio de rodas de conversa, jogos e oficinas, das quais podemos citar a contação de história baseada na obra Ubirajara de José de Alencar, proporcionando diálogos sobre os enredos e a oportunidade de interagir com as obras na íntegra; momentos de apreciação de poemas, atividades trabalhando o uso social da escrita, jogos de entonação e improviso.

⁴ Vivência literária foi o nome dado à atividade de intervenção que realizamos no centro socioeducativo de internação feminina. A proposta foi uma adaptação de uma vivência literária que as autoras participaram na disciplina Literatura Infantil, do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas lecionada pelo Prof. Dr. Carlos Humberto Alves Corrêa.

⁵ Em 2017, existiam 17.811 (dezesete mil oitocentos e onze) adolescentes em medida de internação, sendo 643 (seiscentos e quarenta e três) do sexo feminino (MMFDH, 2019).

As ações foram desenvolvidas durante o segundo semestre letivo de 2019 e contou majoritariamente com a participação de alunos do curso de Pedagogia, os quais, organizados em pequenos grupos, realizaram visitas às quatro unidades socioeducativas de Manaus.

Optamos por possibilitar a vivência literária a partir da obra intitulada *A moça tecelã* escrita por Marina Colasanti⁶ em uma de nossas visitas em um Centro Socioeducativo de internação feminina por entendermos a literatura como arte, um encontro de várias perspectivas sobre o (entre)cruzamento dos fios da vida, um convite tanto do saber como do sentir, intimamente ligado às diversas experiências humanas, sejam elas conhecidas ou não.

Apreciar um texto literário nessa perspectiva é sair do lugar sem se mexer, criar vínculos e se perceber na trama quando na oscilação entre o lido e a realidade concreta, pois possibilita novas descobertas ou seu ressignificado. As características mencionadas nos motivaram a não apenas realizar uma roda de leitura para algum fim paradidático com as adolescentes, afinal “A leitura literária é uma experiência intensa que se distingue de outras formas de leitura possíveis, por não ter a informação como fim e objetivo de sua experiência” (ALMEIDA, 2014, p. 144).

Em face do exposto, o objetivo deste relato é apresentar a vivência literária como uma atividade viável e significativa de trabalho, sobretudo, nos espaços socioeducativos. O alinhar do texto é característico do molde da pesquisa qualitativa, no evidenciamento de um evento e atividade pelo uso de bibliografias sobre o assunto, fontes documentais produzidas pelas moças⁷ e registros fotográficos do acervo pessoal das autoras.

Apresentadas as opções para a costura do texto, serão dispostas as tessituras feitas a partir da literatura na relação entre vivências femininas em liberdade ou

⁶ Maria Colasanti Marina Colasanti nasceu em 1938 em Asmara, Etiópia. Morou 11 anos na Itália e desde então vive no Brasil. A autora publicou vários livros de contos, crônicas, poemas e histórias infantis, pelos quais recebeu o Prêmio Jabuti (COLASANTI, 2004).

⁷ Utilizaremos o termo *moça(s)* no decurso deste relato para nos referirmos às adolescentes da unidade socioeducativa onde a atividade foi realizada, como forma de manter a característica da própria obra literária que conduziu a vivência.



privadas delas, que tratam de reflexões sobre trajetórias pretéritas ao contexto socioeducativo, presente quando em 2019, e futuras tanto após cumprimento das medidas quanto das reverberações que esse encontro resultou na vida acadêmica de estudantes de Pedagogia enquanto profissionais que atuam para além do espaço escolar.

2 TECER ERA TUDO O QUE FAZIA. TECER ERA TUDO O QUE QUERIA FAZER

O processo de escolha e preparação para trabalhar a obra literária *A moça tecelã*, teve como atividade indispensável a leitura prévia do texto e a discussão entre as acadêmicas acerca das possibilidades que poderiam ser suscitadas, uma vez que a imersão textual provoca reflexões sobre a vida, e afeta a individualidade de cada leitor(a).

A atividade foi pensada e determinada a partir das condições materiais que dispunhamos e de fatores como o transporte para deslocamento ao local, tempo destinado para a nossa visita e as limitações no uso dos materiais pedagógicos que não infringissem as regras que são próprias das instituições socioeducativas destinadas aos adolescentes em conflito com a lei. Tínhamos em mente que trabalhar com a leitura literária é um desafio independente do espaço, pois envolve questões de formação, tempo, produção literária disponível, escolha de obras e textos e de como realizar esse trabalho (PAIVA; PAULINO; PASSOS, 2006).

Frente a esse entendimento, foi possível a efetivação da vivência literária com as adequações do planejamento inicial sem prejuízo à totalidade do processo. Nosso objetivo ao utilizar a obra e realizar a vivência literária na unidade socioeducativa feminina foi de proporcionar uma experiência reflexiva acerca do que nós, enquanto mulheres, podemos construir (tecer) e desconstruir (destecer) em nossas vidas, na tentativa de (re)conhecer as potencialidades de transformação das nossas condições sociais concretas.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Para alcançar o objetivo, orientamo-nos por Corrêa e Carvalho (2019) no guia *Sobre a arte de contar histórias*, o qual nos possibilitou compreender que não existe apenas uma forma de contar história, mas que ainda assim, é necessária uma preparação para a contação, e esta começa pela escolha da história face às características do público ouvinte; as circunstâncias do local onde a história será contada; o estudo da história identificando os personagens, estrutura narrativa, a trama, os eventuais efeitos dos acontecimentos narrados; memorizar a história e decorar as partes que consideramos mais importantes e visualizá-la mentalmente; ensaiar a contação com a cadência, e; organizar os recursos necessários a serem utilizados.

Desse modo, no encontro entre moças – discentes e socioeducandas – foram realizadas apresentações individuais de cada uma, bem como a explicação e acordos de como procederíamos com a atividade. Vale destacar que realizamos a leitura do texto 3 (três) vezes. As repetições da leitura contaram com características e ações diferenciadas que exigia o envolvimento distinto de cada uma. Também frisamos que durante o processo, as socioeducadores que estavam presentes para fazer a vigilâncias das meninas, se envolveram e contribuíram na contação, foi possível vê-las consentindo tanto com as nossas falas como com as falas das adolescentes.

A primeira contação teve a intenção voltada à apreciação por meio da leitura e escuta. Nesse sentido, entregamos uma cópia individual do texto, de modo que todas puderam acompanhar o processo. Iniciamos pela apresentação do livro, título da história, nome da autora, e observação da ilustração das páginas consoante o avanço da leitura, a qual se utilizou de ornamentos vocais e efeitos sonoros emitidos pelas participantes com uso de alguns materiais, como a mesa da carteira.

De início, foi possível notar uma dispersão na atenção, contudo, ela foi passageira, visto que o desenvolver da leitura do texto provocou curiosidade, pois a ilustração do livro apresenta fotos de bordados reais, e as imagens geraram uma identificação com o artesanato que algumas delas sabiam fazer.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Após o primeiro momento, abrimos espaço para a socialização dos comentários quanto aos sentimentos e questionamentos que surgiram a respeito do livro. Por meio da mediação, troca e respeito, as moças relacionaram a história contada com as suas experiências de vida.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer. Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado. Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia [...] E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar [...] Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços [...] E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo [...] Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências [...] desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido (COLASANTI, 2004, p. 1-10).

Os recortes destacados na citação retratam o momento mais marcante de quando a tecelã sentiu a necessidade de tecer uma companhia, e no momento em que não mais feliz, ela toma a decisão de desmanchá-lo. Esses trechos deram vazão a comentários acerca das situações que elas viveram e estavam vivendo no dado momento, principalmente, envolvendo os seus namorados ou namoradas, amigos e familiares. Algumas delas, a partir dos comentários das outras, refletiam e complementavam as argumentações com base no raciocínio do que elas tinham tecido e estavam tecendo em suas vidas e nas vidas das pessoas próximas.

A segunda leitura do texto contou com a utilização de fitas coloridas com cores e significados que remetiam às ilustrações dos bordados. Cada uma representava respectivamente as linhas do texto, o dia, a escuridão, o homem, a tristeza, o traço de luz e o palácio. Consecutivamente, as fitinhas coloridas foram distribuídas entre as moças e demos as orientações de que cada vez que uma palavra específica fosse dita, passaríamos a fiar determinada cor, e que para isso precisariam estar atentas. As cores que utilizamos foram: amarelo, preto, vermelho, rosa, lilás, azul claro, branco, laranja, verde limão, marrom e dourado. Ao darmos início ao reconto, as

PROMOÇÃO

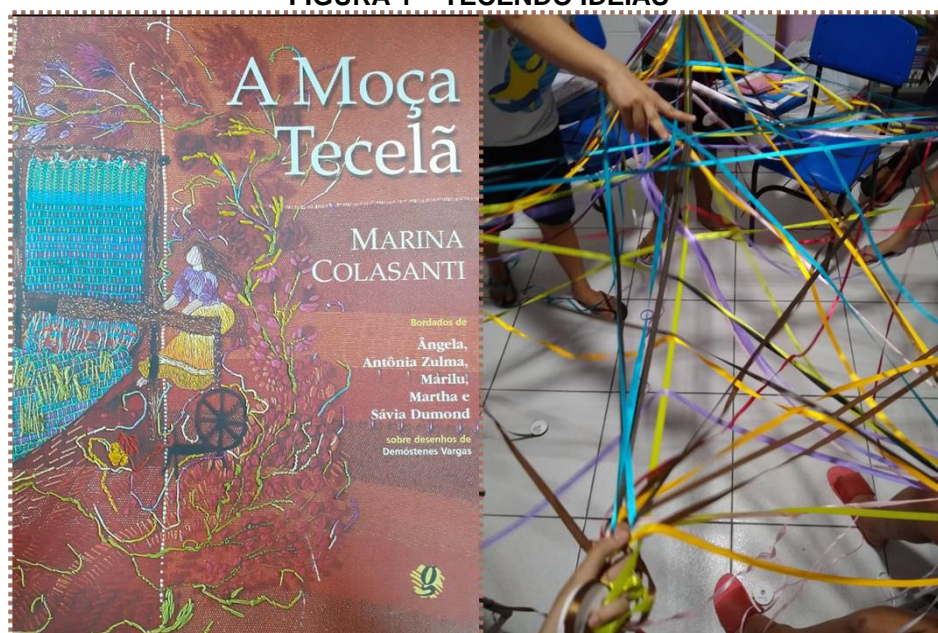


APOIO



moças estavam atenciosas com o enredo da história e a cada leitura elas iam tecendo de maneira que a obra ia ganhando cada vez mais forma mediante aquele movimento, conforme mostramos na figura abaixo:

FIGURA 1 – TECENDO IDEIAS



FONTE: Arquivo pessoal das autoras, 2019.

Ao final, os fios ficaram embaralhados e uma das adolescentes comentou que aquela situação estava igual a sua vida, pois a imagem retratava todas as escolhas e tessituras que fazemos ao longo da nossa trajetória, inclusive as situações que as levaram até o espaço socioeducativo. Dessa maneira, se percebe que a interação com a produção artística - o texto literário - na dimensão estética, proporcionou uma experiência não só intelectual, mas emocional em relação à imaginação, aos desejos, medos e admirações (PAIVA; PAULINO; PASSOS, 2006).

Dessa forma, com a leitura finalizada, passamos ao terceiro momento, qual seja, a disponibilização de papel ofício contendo as seguintes perguntas: O que teci até agora? O que pretendo destecer? O que pretende tecer futuramente? O que você achou da atividade? para que, se sentissem vontade, elas expressassem as inferências e reflexões provocadas pelos momentos anteriores.

Nessa parte, apenas quatro das cinco moças que estavam presentes desde o início puderam participar, uma vez que uma delas teve que comparecer em outra atividade da própria instituição que estava programada no mesmo horário. Cabe destacar também, que como essa etapa necessitava de uma leitura mais individualizada, auxiliamos uma moça na leitura e escrita, pois ela não sabia ler e nem escrever, e por isso evitava participar nessas partes em específico, até mesmo pela reação e provocações das outras adolescentes.

Apesar desses desafios, a moça conseguiu participar e expressar suas dificuldades como a escrita do seu nome e de seus filhos, ocasião em que nos mostrou as tatuagens com os nomes deles e afirmou que além de ser uma homenagem amorosa era uma forma dela saber a grafia correta quando precisasse. Ressaltamos que essa não é uma realidade isolada, posto que embora no país a taxa de analfabetismo tenha diminuído de 6,1% (2019) para 5,6% em 2022, ainda continua sendo um desafio, especialmente no sistema socioeducativo (IBGE, 2023).

Sobre esse último momento, surgiu a preocupação se haveria alguma socialização das respostas entre elas, porque boa parte não queria se expor para as outras. E assim, ficou aberto apenas para as falas gerais do que elas queriam compartilhar. Destarte, as respostas obtidas por elas, refletiram as suas preocupações e anseios sobre a futura saída do espaço socioeducativo e suas experiências anteriores à institucionalização, conforme apresentaremos nos subtópicos.

2.1 O que teci até agora?

As moças que socializaram sobre suas experiências a partir da vivência literária, possuem a idade entre 12 (doze) e 21 (vinte e um) anos como disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Logo, são perspectivas de adolescentes em um momento próprio da vida, a transição entre a infância e a vida adulta, se pautados cronologicamente. Todavia, as concepções de infância e

adolescência tidas como universais não ocorrem da mesma forma, não só pela classe social, mas entre os indivíduos que a ela pertencem.

O caminho vivido e as escolhas tecidas pela moça tecelã - que teve a necessidade de entremear várias circunstâncias (sol, penumbra, chuva, comida, companhia) - gerou reflexões que levaram a identificação da história de vida da personagem com as histórias das adolescentes em relação aos caminhos trilhados e aos desejos que elas tinham. Quando questionadas acerca do que elas tinham tecido até o momento, as respostas foram:

*T1: Casa, família, filhos; T2: Teci coisas ruins, maldade, inimizade, más amizades, escuridão, tristeza, raiva etc.; T3: amor, carinho, paz, família; T4: melhorei meu jeito de ser, sou uma pessoa boa, gosto de ajudar as pessoas e a minha família*⁸ (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Como é possível observar na escrita, as tessituras feitas por elas são vistas como positivas e outras como negativas. Entre a primeira, está a família que foi destacada por três adolescentes, inclusive pelo fato de algumas já constituírem um núcleo familiar formado por elas e seus filhos, aos quais elas sentiam muita saudade.

Com relação a maternidade, diante do contexto pandêmico ocasionado pelo Sars-Cov-2, houve a recomendação do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) por meio da Resolução n.º 62 de 2020. O documento recomendou a aplicação preferencial de medidas em meio aberto às mães ou responsáveis por criança de até 12 anos de idade ou a extinção plena da execução socioeducativa. (CNJ, 2020). Essas resoluções podem ter sido vivenciadas por essas adolescentes, visto que a medida tem um período máximo de três anos.

Outras tessituras dizem respeito ao amor, carinho, a paz e a mudança no jeito ser, que não estavam ligadas necessariamente ao momento em que estavam vivenciando. E negativamente, uma delas apontou adjetivos (coisas ruins, maldade, escuridão, tristeza e raiva) que desvelam alguns dos aspectos de sua vida extramuros

⁸ As siglas T1, T2, T3 e T4 foram utilizadas para manter o sigilo dos nomes e a letra T refere-se à palavra Tecelã.



e como ela se sentia em relação a isso, sobremaneira, com as *más* amigas que adentraram também no campo do destecer.

Conforme Assis e Constantino (2001) a influência do grupo de amigos sobre um adolescente é um tema abordado, dado que muitos jovens encontram incentivo e apoio para a saída do lar e passam, em conjunto, a praticar atos infracionais sendo essa influência mais intensiva entre as meninas quando no conflito familiar.

2.1.2 O que pretendo destecer?

Entre o que teciam e as entristeciam, estavam as reflexões de arrependimentos do que haviam feito e que, de certa forma contribuíram para estarem em uma unidade socioeducativa de internação. Os apontamentos abordaram sobre o contexto e realidade vivida por elas e os sentimentos gerados pelas relações estabelecidas. Sobre o que elas pretendiam destecer estão:

T1: Vida ruim, coisas que não agradam, tristeza, e as coisas que sinto nesse dia, provocações, envolvimento com ninguém, sofrimento amoroso; T3: ódio, raiva, fazer o mal; T4: a vida de crime, parar de usar droga, deixa as más amigas. (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

As condições de vida desagradáveis e as dificuldades desvelam-se nessas falas, sobretudo por estarem ligadas a situações que não agradam a elas e as suas famílias, e que lhes causam raiva e tristeza, como a vida no crime. Arelado a essas questões, surgem outros indivíduos nessa trajetória, os(as) companheiros(a) que ocasionam o sofrimento amoroso.

Essa também foi uma relação encontrada por Assis e Constantino (2001) na realização de entrevistas com adolescentes na medida de internação. Todas elas tinham um parceiro envolvido em tráfico ou roubos e muitas se envolviam com homens criminosos fazendo menção à esta preferência por associarem a homens mais fortes, poderosos e capazes de supri-las financeiramente, além disso, eles representavam uma figura autoritária e hierárquica como a que a tinham em sua família de origem. As autoras também destacam a história de uma jovem que ao ser

PROMOÇÃO



APOIO

pega pela polícia, ocultou o nome do namorado na situação de envolvimento com o tráfico de drogas e assumiu como sua a droga encontrada, além de considerar as agressões como um ato justificado pelo erro de suas ações.

Dessa forma, muitas delas também se envolvem nesse meio devido aos parceiros que estão envolvidos com a realidade do tráfico e, portanto, vivem em um espaço marcado pela violência intrafamiliar e externa quando na dificuldade em manter condições objetivas de existência, que são agudizadas pela falha na execução dos direitos sociais.

Assim como a moça tecelã sentiu a necessidade de des(tecer) fios em sua vida, as adolescentes face à realidade conhecida e a trajetória percorrida, também a tinham. Por isso, tinham planos para o seu futuro quando saíssem da unidade, o que demonstra as aspirações e sonhos que permaneceram mesmo com todo o contexto apresentado por elas e aos quais muitas voltariam após a medida às circunstâncias as elas impostas, entretanto, destacamos que apesar de estarem no campo das terminações, essas não impedem as mudanças em suas histórias.

2.1.3 O que pretende tecer futuramente?

Frente ao momento que estavam vivenciando em 2019 e toda bagagem de vida, as moças refletiram sobre o passado e o futuro, com destaque às relações familiares e vida acadêmica e profissional. Os campos que elas destacaram estão interligados no sentido de que o alcance de um poderia melhorar o outro, conforme sinalizado no quadro abaixo:

Quadro 1 - O que tecer?

VIDA PESSOAL	EDUCAÇÃO E TRABALHO
<p>T1: Amizade, companhia e coisas grandes; T2: Uma família feliz, um bom marido, filhos abençoados e uma vida abençoada na presença de Deus etc; Coisas boas, amor, amizade, luz, alegria, estudos, casa própria, ajudar minha mãe, meu pai, meus irmãos, etc; T3: Família;</p>	<p>T1: Faculdade, trabalho, curso, trabalho de cozinheira na igreja e/ou cabeleireira e ou na escola; T2: Uma faculdade, um trabalho; T3: Estudo, faculdade; T4: Fazer uma faculdade de mecânica</p>

PROMOÇÃO



APOIO



T4: Ajudar a minha mãe e sair da vida ruim, ser uma boa mãe para o meu filho, cuidar da minha vó e dar orgulho para ela.

Fonte: Diário de campo, 2019.

Nota¹: Elaborado pelas autoras, 2023.

Como mostra o Quadro 1, as questões familiares apareceram no âmbito do destecer e do tecer. Na possibilidade de projetar novos caminhos em relação aos laços entre parentes e amigos, existe a necessidade de fortalecê-los como um elo feliz, abençoado e motivo de orgulho. Portanto, esse mesmo núcleo é uma fonte que gera tanto tristeza quanto alegria, constitui uma base de vida e compõem as esperanças do futuro almejado.

Outro ponto destacado envolve o estudo e a vida profissional, as moças possuíam o desejo de continuar o seu processo de escolarização a fim de ingressar em um curso de nível superior, como a faculdade de mecânica. Essas perspectivas trazem à tona algumas questões acerca de como as unidades se organizam para inserção ou continuidade desses sujeitos (adolescentes em conflito com a lei) dentro das unidades socioeducativas.

Conforme o Relatório do Panorama Nacional da Educação no Contexto Socioeducativo de 2018 e 2019 algumas instituições de internação possuem uma taxa de escolarização bem abaixo de 100% (cem por cento), ou seja, significa que uma das principais ferramentas de trabalho não é efetivada, e, portanto, não se tem a plena garantia de direito a educação (INSTITUTO ALANA, 2023). Essa lacuna na efetivação do acesso à educação escolar reflete diretamente no campo do trabalho assalariado e nas condições de vida das adolescentes, além das tensões características da juventude ao relacionar suas ambições de futuro pessoal às demandas do cotidiano escolar, caracterizado por ser um campo aberto aos projetos futuros (DARYELL, 2007).

Nesse cenário, o que se observa é uma supervalorização na escolarização como garantia de ingresso no mercado de trabalho e mudança na situação econômica de forma mais imediata, o que de fato, nem sempre acontece. O autor ainda pontua que



A relação dos jovens pobres com a escola expressa uma nova forma de desigualdade social, que implica o esgotamento das possibilidades de mobilidade social para grandes parcelas da população e novas formas de dominação. Neste caso, a sociedade joga sobre o jovem a responsabilidade de ser mestre de si mesmo. Mas, no contexto de uma sociedade desigual, além deles se verem privados da materialidade do trabalho, do acesso às condições materiais de viverem a sua condição juvenil, defrontam-se com a desigualdade no acesso aos recursos para a sua subjetivação. A escola, que poderia ser um dos espaços para esse acesso, não o faz. Ao contrário, gera a produção do fracasso escolar e pessoal (DAYRELL, 2007, p. 1122).

Quando voltamos ao contexto da educação no espaço socioeducativo, nota-se atividades voltadas à profissionalização, que geralmente são direcionadas ao *papel* da mulher na sociedade, incluídas por atividades artesanais e manuais, onde alguns sonhos têm grandes desafios para se tornarem reais (MACHADO; MEDEIROS; CASTRO, 2016). Dessa maneira, é perceptível os desafios enfrentados pelas moças intra e extramuros, bem como, o equívoco teórico que pendem para individualização da culpabilização dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas.

3 ARREMATES FINAIS: A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO TEAR

Ante ao exposto, foram múltiplas tessituras que marcaram o processo de preparação e execução da atividade, bem como do exercício de refletir sobre a concretude da vida a partir da obra literária apresentada. As aprendizagens suscitadas no âmbito da extensão universitária contribuíram a nível pessoal e profissional na ampliação da compreensão sobre a educação e suas finalidades. Sobre esse processo, destacamos as avaliações das moças a partir da pergunta: O que você achou da atividade?

T1: Legal, de boa, tranquilo, refletiu a vida bagunçada; T2: achei interessante, muito criativo e que retrata muitas mulheres que existem hoje em dia e que também mostra que nós temos poder para fazer novas escolhas, a partir do momento em que decidimos mudar de vida. T3: Legal e muito inteligentí; T4: muito ótima a gente aprende coisas novas com vocês. (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Consideramos que o retorno das moças sobre a experiência literária foi positiva e teve sua finalidade alcançada, pois permitiu reflexões ligadas à realidade concreta

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

e acerca dos desejos que alimentam sobre a vida, que ao olhar da Tecelã 1, se encontrava bagunçada. Outro ponto evidenciado pelo trabalho de *coisas novas*, foi o poder que as mulheres têm de tomar decisão e a possibilidade de fazer escolhas, mesmo quando inseridas em um contexto que parece determinado e imutável.

A aprendizagem, portanto, foi mútua entre as moças e as acadêmicas de Pedagogia. Doravante, à vivência acadêmica possibilitou trabalhar a literatura por uma perspectiva crítica de educação que fugiu aos métodos tradicionais como ela é comumente utilizada, e aos modos das atividades realizadas no espaço socioeducativo. Bem como, pelos ensinamentos face às histórias de vida das moças que ressignificaram a leitura da obra, da atividade educativa e das percepções sobre um espaço e sobre pessoas que, aos olhos da grande maioria, são invisíveis.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leonardo Pinto de. A experiência total da leitura literária. **Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia**. 2014. Rio de Janeiro, v. 66, n. 2, p. 143-158. (2014).

ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia. Aprendendo a lição: a influência de amigos, namorados, familiares e das drogas. In: **Filhas do mundo: infração feminina no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. p. 135-145. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/vjcdj/pdf/assis-9788575413234.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2023. (2001).

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Brasília, 1990. (1990).

COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. São Paulo: Global editora. 2004.

CNJ. Conselho Nacional de Justiça. **Recomendação n.º 62, de 17 de março de 2020**. Recomenda aos Tribunais e magistrados a adoção de medidas preventivas à propagação da infecção pelo novo coronavírus – Covid-19 no âmbito dos sistemas de justiça penal e socioeducativo. 2020. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2020/03/62-Recomenda%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2023. (2020).

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

CORRÊA, Carlos Humberto Alves; CARVALHO, Nilzelane Vieira. Guia: Sobre a arte de contar histórias. *In: Os contadores de histórias e sua arte: o que dizem as pesquisas?* Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. 2019.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n.1000 - Especial, out. 2007, p.1105-1128. (2007).

FERNANDES, Maria Nilvane; COSTA, Ricardo Peres da. PACE - 245/2019-3 - Interlocução entre Políticas Afirmativas e Direitos Sociais com adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas em Manaus. *In: UFAM. Programa Atividade Curricular de Extensão (PACE):* Edital n.º 001/2019 – DPROEXT; PROEXT – Seleção de projetos. Manaus, AM: Pró-Reitoria de Extensão/UFAM, 2019. (2019).

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em 2022 o analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos e no Nordeste. **Agência IBGE: notícias.** 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/OPVXZ>. Acesso em: 17 jun. 2023. (2023).

INSTITUTO ALANA. **Relatório [livro eletrônico]:** panorama nacional da educação no contexto socioeducativo. São Paulo: Instituto Alana, 2023.

MACHADO, Erica Babini Lapa Amaral; MEDEIROS, Carolina Salazar L’Armée Queiroga de; CASTRO, Helena Rocha Coutinho de. Socioeducação, Normalização e Fachadas: Ambiguidades das Atividades Pedagógicas no Case Santa Luzia – Recife, PE. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**, Londrina, v. 14, 2016, p. 45-54. (2016).

MMFDH. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Levantamento Anual SINASE 2017.** Brasília, DF, [2019]. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/Levantamento-AnualdoSINASE2017.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021. (2019).

PAIVA, Aparecida; GRAÇA, Paulino; PASSOS, Marta. **Literatura e leitura literária na formação escolar.** Belo Horizonte: Ceale. 2006. (Coleção Alfabetização e Letramento). (2006).

PROMOÇÃO



APOIO